

Estudo do Éthos Assistencial nos Cenários Dialogais

Assistential Ethos in Dialogal Scenarios

Estudio del Éthos Asistencial en los Escenarios Dialogísticos

Ana Seno*

Resumo: Este artigo estuda as formas de autoexpressão durante interlocuções conscienciais, buscando analisar tipos de reações e comportamentos comunicativos manifestos durante conversação com divergência de ideias e opiniões. Descreve os modos mais comuns de reação, demonstrado pela autoexpressão do *éthos* consciencial, fator determinante para a definição do perfil de campo holopensênico interlocutório instalado, se mais pacífico ou se mais belicista, propondo o uso do *éthos* assistencial. Apresenta reflexão e exemplos pessoais quanto às posturas internas e externas reveladoras do tipo de aceitação dos fatos e ideias alheias, se aceitação autêntica ou se aceitação inautêntica, além de considerar as repercussões de tal escolha e o posicionamento perante o outro e a si mesmo.

Palavras-chave: aceitação, autoexpressão, convívio, cosmoética, mecanismos de defesa do ego.

Abstract: This paper assesses self-expression modes during consciential interlocutions, seeking to analyze types of communicative reactions and behaviors manifested in conversations bearing diverging ideas and opinions. It describes the most common reaction modes following self-expression of consciential ethos, a decisive factor in the definition of the interlocutory holothosene kind, rather pacific or rather bellicose, proposing the use of assistential ethos. It presents reflection and personal examples about inner and outer postures showing the acceptance kind concerning facts and other people's ideas, that is to say, whether this acceptance is authentic or inauthentic, besides considering the reverberations of such choice and position-taking before the other and before oneself.

Keywords: Acceptance, co-existence, cosmoethics, ego's defense mechanisms, self-expression.

Resumen: Este artículo estudia las formas de autoexpresión durante interlocuciones conscienciales, buscando analizar tipos de reacciones y comportamientos comunicativos manifestos durante conversación con divergencia de ideas y opiniones. Describe los modos más conocidos de reacción, demostrado por la autoexpresión del *éthos* consciencial, factor determinante para la definición del perfil de campo holopensênico

* Ana Seno, professora, revisora e tradutora, mestre em Linguística, licenciada em Letras (Português, Espanhol, Francês), voluntária da ARACÊ desde 2002, coordenadora conjunta do Colégio Invisível da Parapolitologia e autora do livro Comunicação Evolutiva nas Interações Conscienciais.

dialogístico instalado, si más pacífico o si más belicista, proponiendo el uso del *éthos* asistencial. Presenta reflexión y ejemplos personales cuanto a las posturas internas y externas reveladoras del tipo de aceptación de los hechos e ideas ajenas, si aceptación auténtica o si aceptación inauténtica, además de considerar las repercusiones de tal elección y el posicionamiento frente al otro y a sí mismo.

Palabras clave: aceptación, autoexpresión, convivencia, cosmoética, mecanismos de defensa del ego.

INTRODUÇÃO

Escolha. Associar o conceito *éthos* asistencial com as interações conscienciais cotidianas representa vontade pessoal de compreender a raiz dos fatos e parafatos na perspectiva da anticonflitividade e da autocosmoética.

Objetivo. Este estudo visa contribuir para o aprimoramento dos diálogos interassistenciais, dando maior autoconsciência ao ato comunicativo para qualquer conscin interlocutora com o objetivo de saber se posicionar perante os diversos e diferentes pontos de vista frente à imensidão de assuntos cotidianos simples, porém complexos em suas soluções.

Método. Com o auxílio de conceitos e estudos da Linguisticologia e da Cosmoeticologia, este artigo expõe método reflexivo e autoinvestigativo utilizado pela autora para analisar os principais fatores intervenientes das interações conscienciais consideradas críticas.

Estrutura. As ideias estão expostas em 4 Seções, além da Introdução e Considerações Finais: 1. A noção de *éthos*: abordagem aristotélica. 2. A noção de *éthos*: abordagem conscienciológica. 3. *Éthos* asistencial. 4. Cenários dialogais. 5. Autoinvestigação do *éthos* asistencial pessoal.

1. A NOÇÃO DE *ÉTHOS*: ABORDAGEM ARISTOTÉLICA

Abordagem. Nesta seção, apresenta-se a noção de *éthos* sob o ponto de vista da Linguística e com base nos estudos da Retórica realizada pelos filósofos gregos.

Retórica. O termo, derivado do grego, compunha a trilogia aristotélica: *logos*, *pathos*, *éthos*, funcionando como uma tríade da arte retórica grega, apresentada por Aristóteles (2003).

Significados. *Logos* representava a vertente da razão, do raciocínio, da lógica; *pathos* referia-se às paixões, às emoções, à parte relacionada aos sentimentos que influíam na oratória e na retórica do locutor; e, *éthos* reunia as características e modos de expressão que esse locutor impunha ou demonstrava ao seu auditório, com intenção de persuadir e convencer os ouvintes de seu ponto de vista.

Sentidos. Dessa perspectiva, *éthos* tem dois sentidos: o primeiro contempla as virtudes morais do indivíduo no papel de locutor ou orador; o segundo expande-se para a dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social (EGGS *apud* Charaudeau, 2004, p. 220). Nos dois casos, trata-se da imagem que o orador produz em seu discurso, e não, de sua pessoa real.

Caráter. Do ponto de vista da Retórica, *éthos* implica o conjunto dos traços de caráter ou atributos do orador, aqueles que são mostrados ao auditório para fazer boa impressão, sendo a expressão de seus ares, pouco importando sua sinceridade, como afirmou Roland Barthes (1970, p. 212). O plural da palavra *éthos* é expresso pelo termo *ethé*, e de *pathos*, *pathé*, os quais são atributos mais ligados ao público ou auditório.

Qualidades. Para os gregos antigos, os atributos ou traços de caráter revelam o modo de os oradores se expressarem e, ao fazerem isso, causam imagem positiva de si mesmo, valendo-se de três qualidades fundamentais: a *phronêsis*, ou prudência, a *areté*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência.

Combinação. O ideal é o orador possuir as três qualidades desenvolvidas, porém, na prática, uma ou duas podem predominar positivamente enquanto a outra é negativa. Assim, cada combinação entre essas três qualidades modela possível imagem ou o *éthos* do orador, constituindo sua autoridade perante o auditório.

Linguística. Da perspectiva da Análise do Discurso, disciplina da Linguística, a noção de *éthos* é sintetizada como “a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário”, conforme definição no Dicionário de Análise do Discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 220).

Imagem. A concepção de *éthos* refere-se diretamente à imagem que o enunciador (aquele que fala) faz de si mesmo, sendo construída dentro do discurso, pelo seu modo de se expressar para seu interlocutor ou co-enunciador. Este, por sua vez, vai capturar a essência da imagem de si do enunciador, traduzida por essa maneira de dizer. Assim, o *éthos* explicita a imagem construída pela conscin por meio de sua autoexpressão.

2. A NOÇÃO DE ÉTHOS: ABORDAGEM CONSCIENCIOLÓGICA

Abordagem. Pela abordagem conscienciológica, a noção de *éthos* amplia-se e transcende o auditório do orador e sua retórica. São considerados, principalmente, os pilares da multidimensionalidade, da pluriexistencialidade, da cosmoética e do holossoma.

Interloquções. A manifestação do *éthos* se mostra durante as interações conscienciais, sendo construído pelo movimento interlocutório e alcançando configuração de acordo com a mescla de vários elementos: projeção de valores, julgamentos, desejos, afetos, não ditos, expectativas, visão de mundo, crenças, trocas energéticas, memória pluriexistencial, entre outros.

Qualidade. Tais elementos representam papel relevante na qualidade das interloquções e nos processos comunicativos entre as consciências, conscins e consciexes.

Maneiras. Nas inter-relações cotidianas, a relação conscin-interlocutor proporciona o intercâmbio dos papéis, ou seja, o enunciador diz aquilo que quer dizer (ou intenciona dizer) em seu discurso e o interlocutor, por sua vez, tem acesso a esse “dito” através de uma “maneira de dizer” do enunciador que está enraizada em uma “maneira de ser”, pelas experiências vividas e pelos conhecimentos de mundo partilhados entre si. É através dessa maneira de dizer que é mostrado o *éthos* da conscin ao se comunicar.

Marcas. O comportamento global da conscin comunicadora, aquela que fala e escreve, é apreendido pela sua discursividade, carregada de características linguísticas marcadas, por meio da escolha do vocabulário, do léxico e da forma de construir as frases.

Energias. Porém, pela Comunicologia (SENO, 2013), indo além das características linguísticas, há importante aspecto a ser observado nos estudos do *éthos*: as energias conscienciais mobilizadas durante as interações ou leitura de um texto. A percepção dos conteúdos transmitidos pelas energias conscienciais parece passar parapercebida pela conscin por meio da linguagem parapsíquica, sendo “lida” sublinearmente para compor o *éthos* de quem fala.

Negociação. Desse ponto de vista, o que se coloca em jogo nessas interações é a capacidade de (para) percepção das consciências envolvidas, que gera uma negociação de imagens, de valores, de sentidos, de julgamentos, durante a comunicação.

Cooperação. Considera-se, portanto, que a manifestação de *éthos* é produzida em conjunto entre duas ou mais consciências em situação de comunicação. A imagem de si construída pela conscin-enunciadora, motivada pela sua intenção, é influenciada pela interpretação do outro, conforme o olhar e a compreensão sobre o que está sendo dito.

Extrafísico. Há que se considerar ainda a influência exercida pelas consciências durante a interlocução estabelecida pelas conscins. Cada uma das conscins realiza seu ato de fala, podendo expressar a própria ideia ou opinião, ou, reproduzir o pensamento e sentimento da consciência influenciadora.

Recepção. O *éthos* se produz por meio da recepção do interlocutor, segundo sua (para) percepção. Essa recepção é influenciada pelo nível cognitivo e capacidade de interpretação dos sinais e códigos recebidos pelo interlocutor, valendo-se de habilidades parapsíquicas conscientes ou inconscientes.

3. ÉTHOS ASSISTENCIAL

Definição. O *éthos* assistencial é a manifestação do conjunto de costumes, hábitos, comportamentos, condutas, atitudes, valores, ideias e linguagens de determinada pessoa ou grupo, caracterizada pela teática, verbação e conformática da assistência lúcida com predomínio da tares, durante as interações energéticas e multidimensionais (SENO, 2013, p. 1).

Manifestação. Qualquer conscin manifesta determinado *éthos* em suas interações. A caracterização do tipo de *éthos* manifestado depende de fatores intraconscienciais, tais como intencionalidade, caráter, capacidade comunicativa e interlocutória, nível pessoal de cosmoética, considerando-se o conjunto de valores e princípios pessoais.

Assistência. Para a manifestação do *éthos* assistencial exige-se decisão íntima de assistir alguém pela informação nova, ideia de ponta, com abertismo consciencial. Tal condição sinaliza a expressão e potencialidade do *éthos* assistencial manifestado durante interlocução tarística.

Cosmoeticidade. Em geral, o *éthos* assistencial e a cosmoeticidade da conscin interlocutora caminham juntos, em sintonia com a holomaturidade consciencial alcançada.

Conscin atratora. Nas diversas interações conscienciais, a conscin interlocutora cosmoética, portadora de *éthos* assistencial, atrai as consciências a serem assistidas para sua psicofera em função de sua capacidade comunicativa agregadora e *autodisponibilidade pacífica* (SENO, 2013, p. 1).

4. CENÁRIOS DIALOGAIS

Situações. O cotidiano proporciona inúmeras formas de interações conscienciais. A qualidade dessas interações depende de fatores internos e externos à consciência e é expresso conforme as habilidades comunicativas de cada interlocutor.

Externos. Os fatores externos compõem os contextos sociais, familiares, institucionais, de base político-social e interacional.

Internos. Os fatores internos são constituídos pelos traços e atributos conscienciais de cada interlocutor, conforme a autoconsciência e autodomínio das ferramentas e técnicas comunicativas existentes para a melhoria da qualidade de autoexpressão e manifestação de *éthos* assistencial.

Tipos. Conforme os diferentes perfis conscienciais, é possível classificar as situações ou cenários dialogais em 4 tipos:

1. **Assistenciais.**
2. **Antiassistenciais.**

3. Cosmoéticos.

4. Anticosmoéticos.

Possibilidades. Os cenários dialogais podem conter as mesmas características ou descrição, variando apenas a maneira de manifestação do *éthos* consciencial, tanto do emissor quanto do receptor. Exemplos de cenários dialogais no cotidiano: conversa familiar, aula, conferência, debate, situação de compra, exercício profissional, discordância de ideia verbalizada, omissão de discordância de ideia, ataque verbal, ofensa, maledicência, hostilidade reprimida, entre outros.

Interdependência. A manifestação do *éthos* assistencial relaciona-se à maneira de agir e de se comportar do interlocutor ao demonstrar níveis ou predominância quanto à força presencial, posicionamento, atitude cosmoética, autenticidade, nível de fraternismo e de anticonflitividade, ortopense-nização, entre outras características de conscin com perfil assistencial.

Autoconhecimento. Diante dessa interdependência, mostra-se pró-evolutivo investir na auto-pesquisa em busca de se conhecer nos detalhes a forma de manifestação pessoal e autoexpressão em cenários dialogais considerados mais difíceis e delicados.

Embates. Durante as interlocuções, o assunto discutido pode tomar vários rumos na conversação a depender do engajamento dos interlocutores em querer obter resultado produtivo para todos os envolvidos.

Predisposição. As atitudes e as reações diante dos posicionamentos manifestados pelos interlocutores na conversação podem adquirir determinadas características conforme o perfil consciencial e temperamento da conscin interlocutora.

Discordância. De modo geral, a conscin-ouvinte pode transmutar sua reação diante de opinião ou ideia diferente da própria, manifestando atitude desde a agressão verbal até uma pseudoconcordância com o ponto de vista do outro. A pessoa ouviu, entendeu, mas não concordou e ficou quieta, gerando “pensenes não ditos” e alimentando o campo patopensênico entre os interlocutores.

Concordância. Já nos cenários dialogais, onde os interlocutores possuem predominância de pontos de concordância de opinião, o diálogo ou debate tende a fluir de modo tranquilo, amistoso fortalecendo posicionamentos comuns. É possível haver o risco de acomodação das opiniões e empobrecimento do debate, em caso de eventual ausência de diversidade ou mesmo de criticidade relativos aos assuntos tratados.

Intolerância. No cenário dialogal com divergências de opiniões, os interlocutores envolvidos buscam, em geral, assumir posições mais ofensivas, às vezes antagônicas e agressivas, podendo desembocar na intolerância, aversão, marginalização, rejeição e mesmo violência de diversos matizes.

Diplomacia. Sustentar um debate polêmico, por exemplo, onde há claramente opiniões divergentes e antagônicas, torna-se exercício diplomático e interassistencial, exigindo habilidades comunicativas, discernimento, intencionalidade hígida e foco no tema debatido.

Foco. Tal característica compõe o perfil de conscin com *éthos* assistencial, na qual a colocação das ideias pessoais pretende ampliar a visão de conjunto sobre o assunto e não focar na figura do interlocutor.

Comportamento. Pela Comunicologia, o estudo do modo de reação e de resposta às falas do interlocutor está no campo da recepção da mensagem no processo comunicativo e se relaciona à forma como cada conscin reage ao receber uma informação, uma crítica, uma discordância, uma ofensa, um contraponto.

Aceitação. Da mesma forma que existem pluralidades de opiniões (emissão), existem também formas diferentes de se reagir (recepção) a esses diferentes pontos de vista dentro dos cenários dialogais.

Classificação. Nesses vários contextos, é possível classificar em pelo menos 2 modos de reação comportamental diante de cenário dialogal em que os conteúdos expressos são acolhidos ou não, e de que forma, pelo interlocutor:

1. Aceitação autêntica. Ocorre quando a recepção da mensagem contém caráter maduro e discernido; a consciência ouve, pensa e avalia a situação. O próprio comportamento demonstra atitudes pró-evolutivas: usar a racionalidade (*logos*), a reflexão, a ponderação; buscar dizer claramente o que pensa; discordar de modo autêntico, sem ofender; aceitar a opinião diferente do outro, sem se justificar, sem usar mecanismos de defesa do ego e sem querer ter razão; posicionar-se ativamente diante dos fatos, ideias e opiniões visando o melhor para todos. *Característica: criticidade e discernimento.*

Modo. Dentro dessa categoria, a essência do ato interlocutório ou dialogal está embasada na autocosmoética, elemento intraconsciencial (referencial interno), havendo autoexpressão coerente entre o que sente, pensa e fala. Há tendência de se expressar a própria opinião, mesmo sendo contrária à do interlocutor, sem medo de sofrer chantagens ou ameaças infundadas por estar com foco na tarefa do esclarecimento. *Modo gerador de ortopensenização.*

Éthos Assistencial. Neste caso, o *éthos* manifestado apresenta **caráter assistencial e cosmoético** em função do discernimento, racionalidade, ponderação, nível evolutivo e de maturidade do interlocutor. Há, em geral, respeito à opinião alheia, compreensão do ponto de vista do outro, avaliação instantânea do momento de realizar tarefas mais profunda, explicitando conteúdos críticos e analíticos; ou, limitar-se a afirmações mais genéricas para gerar reflexão no interlocutor.

2. Aceitação inautêntica. Ocorre quando a forma de ouvir o fato ou ideia alheia é recebida ao modo de submissão, por medo de enfrentamento, com conformismo, inação, imobilismo, acriticidade, murismo, podendo inexistir opinião formada por si mesmo sobre o assunto ou projeto.

Modo. Dentro dessa categoria, a essência do ato de receber a mensagem está embasada em elemento externo (referencial externo), denotando ausência de manifestação explícita de pensamento reflexivo próprio e de discernimento diante do fato ou assunto. Há, em geral, tendência à subordinação, à passividade, à submissão ao ponto de vista (ou vontade) do outro, à bajulação, guardar não ditos, resultando em autobocote e autoagressão, pela incoerência entre o que pensa, sente e fala. *Modo gerador de patopensenização.*

Éthos Antiassistencial. Neste caso, o *éthos* manifestado possui caráter **antiassistencial e anticosmoético** tanto para si mesmo quanto para o outro pela inautenticidade intrínseca e revelada. Não há contribuição para o diálogo, sendo reforçado o monólogo ou apenas um lado da questão pela atitude de omissão na aceitação sem reflexão. Estimula o fechadismo, a neofobia, a conflituosidade, o antifraternismo.

5. AUTOINVESTIGAÇÃO DO ÉTHOS PESSOAL

Sentimento. A partir da autopesquisa da autora, a auto-observação comportamental em ambientes tensos, desarmônicos e conflituosos, onde há desníveis de maturidades em situações de divergência de opinião, foi constatada a tendência de sentir desconforto e aturdimento perante conflito, especialmente, quando há clima de guerra, de disputa, de eventual comportamento agressivo do interlocutor.

Comportamento. Nesse tipo de cenário dialogal extremado, há a tendência de retraimento ao ouvir/observar opinião contrária à pessoal sobre determinado assunto ao (para)perceber na fala discordante do outro intenção de querer predominar a própria vontade do interlocutor de “ganhar o debate”,

por imposição, transformando a interlocução em disputa ou esgrima intelectual, descaracterizando o momento enquanto oportunidade de interaprendizados para ambos ou todos os envolvidos.

Automatismo. Nesse contexto, ocorre internamente o impulso de reagir, de rebater as ideias, enquanto processo emocional (*pathos*) automático, de querer fazer com que o outro entenda o ponto de vista pessoal. Tal atitude se enquadra dentro do uso de mecanismos de defesa do ego, a exemplo da projeção, da negação.

Autocontrole. Em geral, esta autora tem permanecido lúcida quando esse tipo de cenário dialogal se instala e a reação tem sido de procurar se conter, de evitar o impulso de responder de imediato sem pensar.

Competição. Quando o clima da conversa ganha ares de disputa de opiniões (“quem tem a melhor opinião” ou “quem tem razão”), a interação se transforma num campo de batalha onde os interlocutores viram adversários e buscam ocupar espaços de influência ou de manipulação.

Autochecagem. Esse exemplo contextual já vivenciado estimulou a reflexão pessoal e a autopesquisa profunda promovendo a autochecagem de existência sutil ou camuflada do traço da competição, manifesto pelo uso de mecanismo de defesa do ego ao procurar defender o próprio ponto de vista, em alguns casos.

Decisão. A partir da autoconsciência de tal fato, esta autora decidiu mudar o comportamento em cenários dialogais desafiadores e passou a evitar o modo de agir defensivo, gerador de conflito, e fomentador do campo holopensênico belicista normalmente instalado nesse tipo de cenário.

Pacificidade. Tal decisão favoreceu clima de pacificação durante a interlocução, permitindo atuar de modo diferente na forma de comunicação: mudando o tom de voz, ouvindo mais, buscando entrar na lógica de raciocínio da outra pessoa, sem deixar de usar o discernimento crítico e expressar a própria opinião contrária, se é o caso, ou fazer outras ponderações.

Em busca do *éthos* pessoal assistencial

Neoperspectiva. O exercício cotidiano de diálogos, conversas, debates, reuniões, exige posicionamentos explícitos e constrói movimento na prática dialógica interassistencial em direção à manifestação de *éthos* assistencial.

Intenção. Se a intencionalidade íntima está hígida e orientada para o foco interassistencial, as trocas informacionais e de opinião sobre qualquer assunto passam a ser oportunidade de burilamento dos traços anticomunicativos.

Heurística. Com tal neoperspectiva e intencionalidade, passa-se a compreender as inter-relações não ao modo de disputa egoica de espaço e de opinião, mas, sim, de momentos possíveis de se alcançar entendimento, de maneira pacífica, com postura de *posicionamento ativo*, mesmo havendo, eventualmente, discordância do outro.

Saber ouvir. Quando alguém possui determinada opinião contrária, esta autora procura examinar o conteúdo, a lógica, a fundamentação, a argumentação e a intenção sincera e autêntica de tal opinião. Após esse exame, realizado pela escuta atenta e autêntica, utilizando o *saber ouvir* (SENO, 2013, p. 144), para depois falar, expor seu pensamento, sua ideia, sua opinião, o seu modo de pensar e sentir, falando com calma, tranquilamente, com foco no esclarecimento de seu ponto de vista sobre o assunto.

Foco. Se o foco está no objeto ou assunto debatido, e não no interlocutor, então, a tendência é haver harmonia e interesse no diálogo, enriquecendo os dois pontos de vista trazidos à tona. Porém,

observa-se que em parte considerável das interlocuções o desejo de cada interlocutor é de ganhar o debate e sobrepor sua ideia ou opinião à do outro, visando conquista de poder dentro daquela “contenda”.

Respeito. Embora possa haver desinteresse do interlocutor de perfil belicista mais arraigado em acompanhar o tom mais interassistencial, a postura pessoal civilizada e fraterna contém o respeito a si mesmo e ao outro, valorizando os diferentes pontos de vista.

Minipeça. Essa nova atitude pode ser mais bem compreendida sob a perspectiva autoesclarecedora e autoconsciente do fato de cada um ser minipeça dentro de maximecanismo pró-evolutivo, também caracterizadora do *éthos* assistencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vontade. A escolha e o interesse de tratar do assunto dos cenários dialogais e dos comportamentos daí advindos se pautam na vontade de evoluir e de se melhorar com discernimento, promover recins e realizar metas proexológicas.

Éthos pessoal. Este estudo pôde orientar possível desenho do perfil pessoal de comportamento dentro de cenários dialogais conflitantes, auxiliando na construção de *éthos* assistencial na manifestação, na conduta e no modo de se comunicar.

Pluralidade. Houve entendimento de que a interpretação (hermenêutica) de um fato ou ideia pode ser feita sob vários pontos de vista. Quando o interlocutor emite sua opinião está trazendo a sua visão do assunto e não necessariamente algo pessoal contra o ouvinte.

Autoconsciência. Compreender a existência da diversidade das opiniões exemplificou que a variedade de pontos de vista representa, na mesma proporção, as diferenças entre as consciências, por isso a importância cada vez mais significativa da expressão das singularidades de cada conscin. Manifestar a posição e opinião pessoais, de visão de mundo, torna-se relevante num diálogo.

Autorreciclagem. O sentimento de não querer mais participar e nem contribuir para a forma competitiva de agir (*éthos* antiassistencial) e começar a se comportar de outro modo, adotando a *aceitação autêntica* com posicionamento (*éthos* assistencial), abriu espaço para interações conscienciais de maior disponibilidade ao diálogo.

Holoconviviologia. A disponibilidade íntima torna-se o balizador para o sucesso ou fracasso do diálogo a depender do nível de expressão do traço pessoal: seja belicista ou pacifista. Os opostos podem conviver e coexistir no mesmo espaço, a exemplo do Cosmos onde convivem planetas, estrelas, galáxias e consciências de diferentes naturezas e níveis evolutivos.

REFERÊNCIAS

01. **Amossy**, Ruth (org.); *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*; Trad. Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti; Contexto; São Paulo, SP; 2011; páginas 16 a 19.
02. **Aristóteles**; *Arte Retórica e Arte Poética*; trad. Antonio Pinto de Carvalho; Coleção Universidade de Bolso; Ediouro; São Paulo, SP; 2003; páginas 104 a 116.
03. **Barthes**, Roland; *L'ancienne rhétorique*; In: Communications, vol. 16, 1970; p. 172-223; disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/-article/comm_0588-8018_1970_num_16_1_1236>; acesso em 18 out. 2012.
04. **Charaudeau**, Patrick; **Maingueneau**, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*; São Paulo: Contexto, 2004, páginas 220 e 221.

05. **Ferraro**, Cristiane; *Hostilidade reprimida*; verbete; in: Vieira, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/>>; acesso em 19.02.2019, páginas 1 a 7.
06. **Loche**, Laênio. Entrevista radiofônica, rádio RCI, retransmissora da Band, Foz do Iguaçu, PR. Disponível em: <semprerci.com.br>. Acesso em 17 ago 2017.
07. **Maingueneau**, Dominique; *A propósito do ethos*; In: **Motta**, Ana Raquel & **Salgado**, Luciana; *Ethos discursivo*; Contexto; São Paulo, SP; 2008; páginas 11 a 29.
08. **Seno**, Ana; *Comunicação Evolutiva nas Interações Conscienciais*; 342p.; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2013, páginas 16, 144 a 153.
09. **Idem**; *Autodisponibilidade pacífica; Enunciação pensênica; Éthos assistencial; Saberes comunicativos*; verbetes; in: VIEIRA, Waldo (Org.) *Enciclopédia da Conscienciologia*; Versão digital. 8ª ed. Foz do Iguaçu: Editares e CEAEC, 2013.
10. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 1994; páginas 311 e 257.
11. **Idem**; *100 Testes da Conscienciologia*; 232 p.; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 1997; página 69.
12. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 2003; página 468.
13. **Idem**; *Enciclopédia da Conscienciologia*; Autoortopensenização; verbete; Versão digital; 8ª ed.; Editares e CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 2013.
14. **Idem**; *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia (DAC)*; Etologia; verbete; *Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2013; páginas 649 e 650.

